

Magnífico Reitor
Senhor Bispo da Diocese de Coimbra
Senhora Administradora do Banco Santander
Senhor Reitor da Universidade Aberta
Senhor Comandante da Academia Militar (representado pelo
senhor Brigadeiro General Herminio Teodoro Maio)
Digníssimas autoridades civis, militares e religiosas
Prezadas e Prezados Colegas do Conselho Geral
Senhoras e Senhores Membros do Senado
Senhor Presidente da Direção Geral da Associação Académica
de Coimbra
Senhor Presidente da Associação dos Antigos Estudantes da
Universidade de Coimbra
Senhoras e Senhores Vice- Reitores
Prezadas e Prezados Colegas
Caras e Caros Estudantes
Caras e Caros Funcionários
Senhoras e Senhores Jornalistas
Minhas Senhoras e Meus Senhores

1. É para mim um privilégio e uma honra poder usar da palavra na **Sala Grande dos Atos**, no dia em que a nossa Universidade comemora 727 anos de existência. Esta Sala é um lugar único que contribuiu para a elevação da nossa Universidade, a Património Mundial pela UNESCO. Hoje, num tempo de aniversário, em que aqui se juntam e fundem o passado, o presente e o futuro, só podemos desejar que este património que é de todos seja não apenas preservado mas também enriquecido, para o podermos legar, com orgulho, às gerações vindouras.

Diz-se que para recordar é preciso esquecer, afinal a nossa memória é limitada pelo que tem de ser seletiva. No que me diz respeito, recordo-me bem do meu primeiro dia na Universidade de Coimbra quando, há quase 47 anos, entrei pela primeira vez no edifício da Matemática como estudante de Engenharia Eletrotécnica, e fiquei paralisado no átrio, olhando os murais de Almada Negreiros e a pensar se e como a Arte e a Ciência se podiam ligar de modo harmonioso. Hoje, tantos anos passados, ao entrar agora nesta sala imensa, sinto que a minha memória não me desiludirá e, enquanto o meu *eu* o permitir, não deixarei de recordar, mais do que as minhas simples e breves palavras, não deixarei de recordar, dizia, o que o meu olhar me permitiu ver: o esplendor austero desta sala enriquecido pela presença colorida de todas e de todos. E, como no passado, não posso deixar de pensar em algo que Will Durant disse: “*toda a ciência começa como filosofia e acaba como arte.*” Dividir e valorar de modo diferente, como muitos pretendem, o conhecimento em Ciências e Humanidades é um profundo equívoco, infelizmente cada vez mais generalizado. Na base desta visão preconceituosa está uma ideia

errada e limitada de **utilidade**. [Voltarei a este tema um pouco mais à frente.]

2. *Hoje é dia de mais um aniversário da nossa Universidade.* Falo aqui e agora na qualidade de membro do Conselho Geral da Universidade, cuja única diferença em relação aos restantes se resume no facto de ser o membro eleito pelos seus pares que, atualmente, por força regimental, tem a seu cargo a tarefa de coordenar os trabalhos do Conselho até à eleição do seu Presidente, prevista para o dia 13 deste mês de março. O CG é um órgão de governo, à semelhança do Reitor e do Conselho de Gestão, a quem compete, entre outras coisas, definir as linhas gerais de orientação, a supervisão e a estratégia da instituição. Infelizmente, a prática diz-nos que é um órgão pouco conhecido pela comunidade universitária. O CG anterior procurou, na parte final do seu mandato, romper com o seu isolamento, tendo promovido em 2016 dois eventos públicos, abertos a toda a comunidade académica, dirigidos à discussão do futuro das instituições universitárias. Este é um caminho que, estou seguro, o novo CG recém-eleito não deixará de continuar e de alargar.

Neste momento de transição para o novo CG, quero expressar publicamente o agradecimento às 10 personalidades externas recentemente cooptadas que aceitaram o convite dos membros eleitos do Conselho Geral para integrar este órgão de governo da Universidade, o único órgão de governo de natureza colegial onde estão representados, embora em proporções distintas que muitos com razão contestam, todos os membros da comunidade universitária eleitos pelos seus pares: docentes e investigadores, trabalhadores não docentes e não investigadores e estudantes. Fizeram-no de modo desinteressado e foi com todo o entusiasmo que anuíram à sua participação nesta aventura coletiva. O nosso sincero obrigado, pois, a:

Esmeralda Dourado
Fernando Lopes da Silva
João Ataíde
João Caraça
José Garcia
José Lopes Martins
José Luís Cacho
Maria José Pereira
Pilar del Rio
Rui Ivo

O CG tem uma história recente, seguramente curta, quando comparada com os mais se sete séculos desta Universidade, mas uma história. Por isso, o nosso agradecimento estende-se a todas e a todos os antigos membros do Conselho Geral que, ao longo dos últimos 8 anos, contribuíram com a sua dedicação, o seu trabalho, as suas opiniões, a sua diversidade, para a procura das melhores soluções para os inúmeros problemas que a nossa Universidade, nestes tempos de crises várias e de mudança, tem tido de enfrentar.

Se me é permitido gostaria de recordar de modo muito especial um membro do anterior CG recentemente falecido, o **Doutor Mário Ruivo**. Mário Ruivo foi um homem de causas e de convicções fortes, alguém que dirigiu as suas energias e ações em benefício da construção de uma sociedade preocupada com o ambiente, com o uso racional dos recursos naturais, tendo dedicado grande parte da sua vida às questões relacionadas com o Mar. Mário Ruivo foi também um cidadão exemplar, e toda a sua vida lutou a favor e por uma sociedade democrática, plural, igualitária e solidária. A

frescura do seu pensamento, a sua incansável perseverança, o seu permanente otimismo, foram, são e serão exemplos e companheiros permanentes da minha reflexão e ação na defesa de uma **Universidade Pública**, de todos e para todos, inclusiva, crítica e socialmente comprometida. A nossa Universidade, por iniciativa conjunta do Senhor Reitor e do Conselho Geral, não deixará de lhe prestar em breve uma justa homenagem.

Minhas Senhoras e Meus Senhores

3. Hoje é dia de mais um aniversário da nossa Universidade. Não encontramos melhor data que não esta para homenagear e agradecer a todas e a todos os que nos ajudaram a chegar até aqui e também a todas e a todos que nos deixam antecipar com otimismo o futuro próximo.

- Saúdo por isso todos os aposentados e jubilados da nossa Universidade, que ao longo da sua vida profissional e académica deram o melhor do seu esforço e cuja dedicação sem limites ajudou a consolidar a imagem de rigor e competência da nossa instituição.

- Aos novos doutorados e às novas doutoradas, que receberão hoje a sua Carta de Curso, os nossos parabéns, a que se juntam votos de sucesso no novo percurso de vida que agora vão iniciar, na certeza de que pela sua ação profissional e social serão grandes embaixadores da Universidade de Coimbra.

- Finalmente, uma palavra de congratulações à laureada com o Prémio Universidade de Coimbra de 2017, a coreógrafa Madalena Vitorino. Ao reler uma entrevista recente que deu à revista *Sinais de Cena*, quando lhe perguntaram se acreditava que a Arte promove a mudança, disse o seguinte (e cito):

“Ah, sim. Não tenho dúvidas nenhuma. A Arte muda uma sala, muda uma vida, muda o teatro, muda a educação... Muda tudo. É uma arma. A Arte é uma arma que só os políticos ignorantes não usam.” (fim de citação)

Não podia estar mais de acordo. A Arte e todas as manifestações

culturais são essenciais à transformação das pessoas e da sociedade. Infelizmente, temo que não sejam apenas os políticos ignorantes que não as usem como arma...

A Arte, através das suas criações, expressa de modo cristalino a forma como nos apropriamos do nosso próprio corpo e dele fazemos a medida de todas as coisas, do tempo e do espaço. A dança, em particular, libertando-nos de todas as máscaras, diz-nos quem somos, pois, através dela, finalmente ser e estar são uma unidade singular, e tudo em nós é ser.

Minhas Senhoras e Meus Senhores

4. *Hoje é dia de mais um aniversário da nossa Universidade.* E como acontece connosco na nossa data de aniversário, é tempo de pensar a nossa instituição como unidade e como relação. É um truísmo dizer que vivemos um tempo de crises, tempo esse que exige reflexão profunda, não só para determinar as suas causas, mas também para, pela ação educada, as ultrapassar. Se me é permitido gostaria de tecer algumas considerações, **muito pessoais**, sobre este nosso tempo e, em particular, sobre os seus reflexos na educação e na Universidade. São apenas a exteriorização das **minhas** preocupações. Para isso preciso convocar de novo a memória.

Quando iniciei a minha atividade docente, no longínquo ano letivo de 1976/1977, resolvi deixar para trás a minha formação de engenheiro eletrotécnico e abraçar o desafio de construir a área de engenharia informática, desafio que me foi lançado a mim e a outros colegas pelo Professor António Dias de Figueiredo. Como consequência fui para França de onde regressei no final de 1981 com um doutoramento em Informática Teórica, e o sonho de mudar o mundo. Recordo que, nessa altura, as nossas instalações estavam situadas junto à Sé Nova e que dávamos os primeiros passos na investigação. Existia uma sala imensa, escura e fria, onde muitos de nós estavam alojados. À entrada dessa sala, a que amigavelmente chamávamos de **A Caverna**, tínhamos colocado um cartaz que dizia: “Trabalhamos muito, ganhamos pouco ... mas rimo-nos imenso!”. Era infinita a nossa paixão pela descoberta, pelo saber e pelo saber fazer. O Senhor Reitor sabe bem do que falo pois fez parte deste grupo.

Hoje, quando olho e vejo o que se passa nas Universidades, só posso constatar que vivemos um tempo estranho. Um tempo que, nas palavras do Professor e Neurocirurgião João Lobo Antunes, é chamado de **tempo impuro**, ou ainda, nas palavras do físico, homem de Ciência e novo membro do nosso Conselho Geral, João Caraça, é um tempo de domínio da **razão impura**.

Se olharmos para dentro das universidades com olhos que querem ver, deparamos com estudantes preocupados sobretudo com uma educação que lhes permita obter um emprego certo e bem pago, funcionários cada vez em menor número e com mais tarefas para realizar, sem grandes hipóteses de melhorar a sua condição profissional, lutando para não perder a motivação, docentes cujo tempo é ocupado em grande parte a redigir propostas de projetos com graus de liberdade reduzidos, e que respondam às necessidades de curto termo das empresas, sem poderem dedicar-se verdadeiramente à investigação, jovens investigadores a desempenhar tarefas que não acrescentam nada à sua investigação para poderem pagar os seus estudos e/ou na esperança de assim terem hipóteses acrescidas de entrar na carreira académica. Cada um no seu mundo privado. No plano mais vasto das instituições de ensino superior o clima não é melhor. A cooperação cedeu o seu lugar à competição, segundo a qual as universidades se posicionam em níveis de primeira e de segunda ordem, como se de um qualquer campeonato desportivo se tratasse; competimos uns com os outros pelos alunos, olhados agora como clientes que pagam um serviço. Perante esta realidade tão diferente do meu passado, não posso deixar de me interrogar: afinal **para que servem as Universidades?** **Como chegámos aqui? O que mudou?**

Numa resposta curta, banal e potencialmente simplista, eu diria que o que mudou... foi a Sociedade! Desde os anos oitenta do

século passado, assistimos à contestação do modelo de sociedade suportada no conceito de estado social, **centrado nas pessoas**, que o final da Segunda Guerra Mundial tinha feito emergir. No seu lugar, tem vindo a ser construída uma sociedade ao serviço do capitalismo financeiro sem fronteiras que as tecnologias da informação e das comunicações ajudaram a consolidar. Globalização financeira e Internet são os elementos fundadores de uma sociedade **centrada nos mercados**.

No plano individual, vivemos num espaço e num tempo comprimidos, podemos estar em qualquer lugar em qualquer momento, mas paradoxalmente estamos cada vez mais longe dos que nos estão próximos. Sob o peso insustentável deste “admirável mundo novo”, somos conduzidos à condição de não ser, ao **insustentável peso do não ser**. Mas mais do que isso. Hoje é mais importante ter do que ser, mais importante parecer do que ser, mais importante aparecer do que parecer. Estamos cada vez mais atomizados, sobrevivendo construindo redes de relações sociais virtuais que nos dão a ilusão de partilha, de não estarmos sós, a sensação de Vida. Como disse o filósofo Guy Debord, a vida atual das sociedades é uma imensa acumulação de espetáculos, uma **Sociedade do Espetáculo**. O escritor peruano Vargas Llosa foi mais longe e fala de **Civilização do Espetáculo**, enquanto o pensador e ensaísta Zygmunt Bauman nos faz refletir sobre o que chama de **Sociedade Líquida**.

- De que modo este paradigma de sociedade se refletiu na Universidade, na forma como esta encara a sua missão, a sua vida interior? Para responder, e uma vez mais simplificando, atrevo-me a parafrasear um velho filósofo do século XIX, hoje caído em desgraça, e dizer que a mudança na sociedade a que temos vindo a assistir se traduziu no *aparecimento de um espectro que paira sobre*

a Universidade, o espectro da utilidade.

É esta ideia de **utilidade** que explica o aparecimento, por exemplo, das propinas, o seu progressivo aumento, contrariando uma disposição constitucional. Os estudantes deixam de ser vistos como um investimento que a sociedade no seu todo faz na formação superior tendo em vista o seu desenvolvimento, para passarem a ser vistos como clientes de um serviço de que resulta no futuro um benefício individual.

É esta ideia de **utilidade**, travestida de racionalidade económica e de gestão, que explica o articulado do Regime Jurídico das Instituições do Ensino Superior (RJIES), que reduz a autonomia e a participação da comunidade universitária nas decisões do seu interesse, optando por modelos de funcionamento que diminuem a legitimidade democrática dos órgãos de governo, em dessintonia uma vez mais com disposições constitucionais.

É esta ideia de **utilidade** que se traduz na redução drástica do financiamento público às Universidades, levando-as a procurar fontes de financiamento externo, tantas vezes de natureza empresarial, conduzindo-as a uma dependência de interesses privados ditados por uma lógica de lucro imediato. Uma vez mais, contrastando com o que a nossa constituição diz sobre a Escola Pública.

Como diz Nuccio Ordine, e cito “... *no universo do utilitarismo um martelo vale mais do que uma sinfonia, uma faca mais do que um poema, uma chave inglesa mais do que um quadro, porque é fácil perceber a eficácia de um utensílio e cada vez mais difícil compreender para que servem a música, a literatura ou a arte.*”

(fim de citação)

Na mesma linha de pensamento e no contexto da nossa Universidade, podíamos questionar qual a utilidade da Biblioteca Joanina ou mesmo desta Sala Grande dos Atos. Acredito que todos achamos que a sua utilidade transcende a sua finalidade manifesta, e é também por isso que a Universidade de Coimbra é Património da Humanidade e cada vez mais somos visitados por pessoas de todo o mundo.

Não se pense, porém, que é apenas na separação entre Ciências e Humanidades que esta visão redutora se afirma. Num texto famoso, publicado em 1939, Abraham Flexner, fundador do famoso *Institute of Advanced Studies* de Princeton, fala da utilidade do conhecimento dito inútil. Apresenta vários exemplos de aplicações baseadas em descobertas científicas que, quando apareceram, não foram motivadas por nenhuma necessidade prática. Por exemplo, para que Marconi tenha inventado a rádio foi preciso que primeiro Maxwell e Hertz tivessem trabalhado teoricamente sobre o eletromagnetismo e a propagação das ondas eletromagnéticas. Como ele escreveu, e cito “*um poema, uma sinfonia, uma pintura, uma verdade matemática, um novo facto científico, todos transportam em si mesmos a justificação que universidades, colégios e institutos de investigação necessitam ou requerem.*” (fim de citação)

Minhas Senhoras e Meus Senhores

5. Hoje é dia de mais um aniversário da nossa Universidade. É tempo de acabar com o que Charles Snow apelidou de duas culturas, separadas e de costas voltadas. O nosso grande poeta das múltiplas caras, na sua faceta Álvaro de Campos, disse, num curto e significativo poema:

“O binómio de Newton é tão belo como a Vénus de Milo.
O que há é pouca gente para dar por isso.”

É tempo de fazer com que mais gente dê por isso!

Sabemos, como disse alguém, que prever é difícil, sobretudo se se trata do futuro. Mas também sabemos que a melhor maneira de prever esse futuro é inventá-lo. Convoquemos por isso o otimismo de que Mário Ruivo fez prova durante toda a sua vida, e acreditemos ser possível reinventar a Universidade como lugar onde se promovem bens públicos, como o são a investigação, o ensino e a cultura, numa lógica de responsabilidade social ao serviço de uma sociedade democrática.

Para o conseguir, temos de reexaminar criticamente o passado e o presente. Temos de refletir sobre a atualidade e pertinência da atual organização da oferta formativa, temos de promover uma verdadeira **reorganização dos saberes**, que quebre as barreiras artificiais atualmente existentes e promova uma formação completa de cidadãos e cidadãs livres e competentes. Temos de refletir sobre a atualidade e pertinência das **propinas**, sobre o modelo de **financiamento**, sobre o **RJIES**. São estes, na minha opinião, os desafios maiores que o Conselho Geral e toda a comunidade

académica vão ter de discutir nos tempos mais próximos.

É tempo de concluir. E termo, retomando a entrevista de Madalena Vitorino, a que me referi no início desta intervenção. Quando, no seu final, lhe perguntaram o que, no meio de tanta coisa realizada, lhe faltava ainda fazer, respondeu, e cito:

“Tudo [risos]. Falta continuar até ao último dia. Fazer, realizar, criar.” (fim de citação)

É este o caminho!

Ernesto Costa